

BOLETIM DIDÁTICO E INFORMATIVO VI VOLUME

PROPRIEDADE E DISTRIBUIÇÃO
TUPOMI
TEMPLO DE UMBANDA
PAI OXALÁ E MAMÃE IANSÃ



Oxaguiã

... comedor-de-inhame-pilado

Oxaguiã não tinha ainda este nome. Chegou num lugar chamado Ejigbô e aí tornou-se Elejigbô (Rei de Ejigbô). Oxaguiã tinha uma grande paixão por inhame pilado, comida que os iorubás chamam iyan. Elejigbô comia deste iyan a todo momento; comia de manhã, ao meio-dia e depois da sesta; comia no jantar e até mesmo durante a noite, se sentisse vazio seu estômago! Ele recusava qualquer outra comida, era sempre iyan que devia ser-lhe servido. Chegou ao ponto de inventar o pilão para que fosse preparado seu prato predileto!



Impressionados pela sua mania, os outros orixás deram-lhe um cognome: Oxaguiã, que significa "Orixá-comedor-de-inhame-pilado", e assim passou a ser chamado. Awoledjê, seu companheiro, era babalaô, um grande advinho, que o aconselhava no que devia ou não fazer. Certa ocasião, Awoledjê aconselhou a Oxaguiã oferecer: dois ratos de tamanho médio; dois peixes, que nadassem majestosamente; duas galinhas, cujo fígado fosse bem grande; duas cabras, cujo leite fosse abundante; duas cestas de caramujos e muitos panos brancos. Disse-lhe, ainda, que se ele seguisse seus conselhos, Ejigbô, que era então um pequeno vilarejo dentro da floresta, tornar-se-ia, muito em breve, uma cidade grande e poderosa e povoada de muitos habitantes. Depois disso Awoledjê partiu em viagem a outros lugares. Ejigbô tornou-se uma grande cidade, como previra Awoledjê. Ela era rodeada de muralhas com fossos profundos, as portas fortificadas e guardas armados vigiavam suas entradas e saídas. Havia um grande mercado, em frente ao palácio, que atraía, de muito longe, compradores e vendedores de mercadorias e escravos. Elejigbô vivia com pompa entre suas mulheres e servidores. Músicos cantavam seus louvores. Quando falava-se dele, não se usava seu nome jamais, pois seria falta de respeito. Era a expressão Kabiyesi, isto é, Sua Majestade, que deveria ser empregada. Ao cabo de alguns anos, Awoledjê voltou. Ele desconhecia, ainda, o novo esplendor de seu amigo. Chegando diante dos guardas, na entrada do palácio, Awoledjê pediu, familiarmente, notícias do "Comedor-de-inhame-pilado". Chocados pela insolência do forasteiro, os guardas gritaram: "Que ultraje falar desta maneira de Kabiyesi! Que impertinência! Que falta de respeito!" E caíram sobre ele dando-lhe pauladas e cruelmente jogaram-no na cadeia.

Awoledjê, mortificado pelos maus tratos, decidiu vingar-se, utilizando sua magia. Durante sete anos a chuva não caiu sobre Ejigbô, as mulheres não tiveram mais filhos e os cavalos do rei não tinham pasto. Elejigbô, desesperado, consultou um babalaô para remediar esta triste situação. "Kabiyesi, toda esta infelicidade é consequência da injusta prisão de um dos meus confrades! É preciso soltá-lo, Kabiyesi! É preciso obter o seu perdão!" Awoledjê foi solto e, cheio de ressentimento, foi-se esconder no fundo da mata. Elejigbô, apesar de rei tão importante, teve que ir suplicar-lhe que esquecesse os maus tratos sofridos e o perdoasse. "Muito bem! - respondeu-lhe. Eu permito que a chuva caia de novo, Oxaguiã, mas tem uma condição: Cada ano, por ocasião de sua festa, será necessário que você envie muita gente à floresta, cortar trezentos feixes de varetas. Os habitantes de Ejigbô, divididos em dois campos, deverão golpear-se, uns aos outros, até que estas varetas estejam gastas ou quebrem-se". Desde então, todos os anos, no fim da seca, os habitantes de dois bairros de Ejigbô, aqueles de Ixalé Oxolô e aqueles de Okê Mapô, batem-se todo um dia, em sinal de contrição e na esperança de verem, novamente, a chuva cair. A lembrança deste costume conservou-se através dos tempos e permanece viva, também, na Bahia. Por ocasião das cerimônias em louvor a Oxaguiã, as pessoas batem-se umas nas outras, com leves golpes de vareta... e recebem, em seguida, uma porção de inhame pilado, enquanto Oxaguiã vem dançar com energia, trazendo uma mão de pilão, símbolo das preferências gastronômicas do Orixá "Comedor-de-inhame-pilado." Exê ê! Baba Exê ê!

ANIMAIS > Pombos brancos, cavalo branco, camaleão, igbin.

COMIDA > Inhame pilado.

COR > Branco, matizado de azul.

DIA DA SEMANA > Sexta-feira.

DOMÍNIO > O céu - a própria luz.

ELEMENTO > Ar e água.

EVO > Ovo frito.

INSTRUMENTOS > Mão-de-pilão, a espada, a lança, o escudo, o iruexan.

METAL > Prata.

NÚMERO > 4.

REGÊNCIA > Vida, criatividade, estratégia, a guerra, as invenções, a inteligência, o debate, o brilho, o dia.

SAUDAÇÃO > Exeuê, babá!, Epa Babá!

SÍMBOLOS > Espada, mão de pilão e um escudo.

Ójô rô,

Ójô rô é di mí alá

É de màmájô ósóguiã

É di màmájô Ósàlufã

É di màmájô Ósóguiã



Artigos Didáticos e
de Opinião.

Partilhando Aprendemos e
Ensinamos!

Evolução Mediúnica



Templo de Umbanda Pai Oxalá e Mamãe Iansã
Rua João Maia, 394, 4475-643 Santa Maria de Avioso – Maia
Contactos: 916 813 819
E-mail: geral@tupomi.pt

PRETO-VELHO, A ENTIDADE MAIS CARISMÁTICA DA UMBANDA



As mudanças no panorama económico brasileiro, como a decadência do ciclo da cana-de-açúcar e a redução da actividade mineradora, fizeram com que uma grande leva de escravos migrados, para os centros urbanos, pudessem levar uma vida mais amena e conseguisse ter uma expectativa de vida mais longa.

Então surge a figura daquele escravo que, apesar das suas condições de vida, alcança idade avançada, personificando o patriarca da raça, cuja sapiência parece-lhe ser conferida pelos cabelos brancos.

Nas sociedades tradicionais, a figura do idoso é um símbolo da experiência de vida e um pilar da cultura do grupo a que pertence; aquele que deve ser ouvido e cujos conselhos devem ser seguidos.

Vemos, pois, o aparecimento de uma entidade cuja linha de trabalho é marcada pela tolerância, rústica simplicidade e um profundo sentimento de caridade. Só quem sofreu na carne as desventuras da vida, pode entender ou se aproximar da compreensão do sofrimento alheio, porque é possível responder a toda a violência sofrida, com amor, sem nenhum sentimento de vingança.

A característica típica da raça africana é o apego á vida, alegria que se manifesta em musicalidade e uma sabedoria ancestral quase biológica, que transparece na religião.

A forma como se apresenta nos terreiros de Umbanda, através dos médiuns, é como uma pessoa muito idosa, curvada pelos anos. Às vezes apoiado em uma bengala, com uma voz meiga, algo paternal que atrai a confiança e simpatia de quem ouve. Com movimentos lentos, típicos de um ancião, geralmente senta-se num pequeno banco ou num pedaço de tronco, fumando seu cachimbo de barro ou cigarro de palha, queimando seu fumo de rolo.

Dizem que em vida, foram grandes sacerdotes do culto dos Orixás; que viveram muitos anos devido a seus conhecimentos mágicos, alcançaram a sabedoria e usam esses conhecimentos misturados a um pouco de “bruxaria”, para os trabalhos de cura e descarrego.

Porem, algumas histórias nos diz que eles foram homens comuns, que alcançaram a redenção espiritual através dos suplicios do cativo. A sua tolerância ao martírio, sem manifestar revolta ou ódio pelos seus algozes e o profundo amor indiscriminado pela humanidade, os ascendeu a um patamar de mestres espirituais.

Outros nos contam que, em vida terrena, os Pretos- Velhos eram homens predestinados, encarnados para assegurar um lenitivo ao sofrimento dos escravos, e que, por sua bondade e sabedoria, cativaram a amizade até dos senhores brancos, a quem também acudia com conselhos e curas. Daí a sua relativa liberdade para atender, com suas curas ao povo pobre e sua misteriosa longevidade que lhe proporcionava a fama de sábio e feiticeiro por viver muito mais que a maioria dos escravos comuns.

A idade avançada de um escravo, já era por si própria, digna de

São com toda a certeza a mais carismática entidade que povoa os terreiros de Umbanda. A mística do preto-velho é fruto de condições e circunstâncias únicas em terras brasileiras.

A sofrida vida dos escravos, trazidos de Africa, fazia com que os indivíduos, em função do penoso e extenuante trabalho a que eram submetidos, somado aos maus tratos, vivessem em média, somente sete anos após sua chegada ao Brasil.

notoriedade, por fugir, muito, da realidade do cativo. Por isso, aquele elemento devia ter alguma coisa diferente.

A falange dos Pretos Velhos guarda sinais particulares e individuais da origem dos elementos que a compõem. Antigos escravos, estes ainda conservam certas designações que denunciam de qual nação ou tribo africana eram oriundos.

Os *pretos velhos* apresentam-se com nomes de individualizam sua actuação e procedência, do Congo, de Angola.

Em sua linha de actuação eles apresentam-se pelos seguintes codinomes, conforme acontecia na época da escravidão, onde os negros eram nominados de acordo com a região de onde vieram:

•**Congo**_ Ex: (Pai Francisco do Congo), refere-se a pretos velhos activos na linha de **Iansã**;

•**Aruanda**_ Ex: (Pai Francisco de Aruanda), refere-se a pretos velhos activos na linha de **Oxalá**. (OBS: Aruanda quer dizer céu);

•**D'Angola**_ Ex: (Pai Francisco D'Angola), refere-se a pretos velhos activos na linha de **Ogum**;

•**Matas**_ Ex: (Pai Francisco das Matas), refere-se a pretos velhos activos na linha de **Oxóssi**;

Calunga, Cemitério ou das Almas_ Ex: (Pai Francisco da Calunga, Pai Francisco do Cemitério ou Pai Francisco das Almas), refere-se a pretos velhos activos na linha de **Omolu/ Obaluayê**;

Entre diversas outras nominações tais como: _Guiné, Moçambique, da Serra, da Bahia, etc...Muitos Pretos velhos podem apresentar-se como Tio, Tia, Pai, Mãe, Vó ou Vô, porém todos são Pretos velhos.

Todos têm uma característica comum; a bondade e a doçura com que ratam os fiéis que os consultam, procurando um alívio para suas aflições.

Grandes conhecedores de magia, dos feitiços de Exú e das propriedades curativas das ervas, os Pretos Velhos usam também a fumaça de seus cachimbos, como os pagés e caboclos, para dissolver as cargas e energias negativas que envolvem as pessoas. Trabalham com passes magnetizantes e indicam banhos de ervas para seus consulentes. Porém uma de suas características mais marcantes é sua força psicológica, sustentada pelo conhecimento espiritual, esta entidade surpreende e encanta, pois ensina através de seu exemplo e experiência de vida, transpirando a sabedoria da idade, sabe, como ninguém, ouvir e entender os problemas de seus fiéis.

O grande segredo desta virtude está no perdão aos sofrimentos recebidos. Perdão este, que vem de um sentimento puro de desapego e humildade, sendo esta a palavra-chave do carisma dos Pretos Velhos.

A linha dos Pretos Velhos está dentro da “falange das almas”. Seres desencarnados que alcançaram uma luz espiritual e retornam, através dos médiuns, ao plano terreno, numa missão de caridade, como que resgatando uma dívida espiritual, ajudando os necessitados, tanto na parte física, com passes magnéticos, defumações e indicando ervas curativas, como na psicológica, com conselhos e amparo afectivo, praticando a bondade incondicional que lhes é inerente. Carinhosamente, chamados de pai preto, estes guias ensinam uma importante lição de humildade e resignação diante das adversidades da vida, sem perder a alegria e o bom humor, é comum ouvir, dos mesmos, observações jocosas a respeito dos problemas. Simplificando o que parecia complicado, dando esperança para fortalecer psicologicamente seu consulente, porque sabe que se fraquejarmos na lida da vida, os problemas se tornam maiores e não suportamos o fardo.

A grande lição que ensina estas entidades é colhermos o que plantamos. E esta é uma grande oportunidade para rever os erros cometidos, tomar consciência da nossa responsabilidade por nós mesmos na busca da felicidade.

A informalidade e humildade destas entidades fazem os fiéis se sentirem descontraídos, como se estivessem na presença de um membro da família ou um velho amigo mais sábio, que lhes atende e aconselha falando francamente, procurando ajudar a resolver seus problemas.

È quase um membro da família, aquele vovô sábio e bondoso que todos gostariam de ter.

Um dos pratos típicos servidos nas festas ou como oferenda ao Preto Velho, e o mais brasileiro de todos, é feijoada. Comida nascida no Brasil é o resultado de circunstâncias e do gênio da raça negra. O feijão preto era o mais básico e barato alimento na senzala. Plantado, colhido e preparado pelos escravos, na própria fazenda em que trabalhavam, era, às vezes, enriquecido pelas sobras de carne da cozinha da casa grande (geralmente porco). As partes que o senhor branco não comia, como os pés, a orelha, a garganta, o rabo, o focinho, etc., iam direto para o tacho coletivo e assim nascia a feijoada.

Os Pretos-Velhos dão preferência aos cachimbos, nos quais usam diversos tipos de mistura de ervas, como o alecrim, a alfazema e outros, além de utilizarem cigarros de palha, impregnando assim os elementos com a sua própria força espiritual, transformando o tradicional “pito” em um eficiente desagregador de energias negativas.

Desta maneira, como o defumador, o charuto ou o cachimbo são instrumentos fundamentais na acção mágica dos trabalhos umbandistas executados pelas entidades. A queima do tabaco não traz nenhum vício tabagista, como dizem alguns, representando apenas um meio de descarrego, um bálsamo vitalizador e ativador dos chakras dos consulentes.

Vemos assim que, como ensinou um Pai Velho, “na fumaça está o segredo dos trabalhos da Umbanda”.

Geralmente os Guias não trazem a fumaça, utilizando-a apenas para “defumar” o ambiente e as pessoas através das baforadas, apenas enchem a boca com a fumaça e a expelem sobre o consulente ou para o ar. A função principal é a de defumar aqueles que chegam até a entidade. Algumas entidades deixam de lado o fumo se a casa for defumada e mantiver sempre aceso algum defumador durante os trabalhos.

Quando falamos dessa grande falange, referimo-nos também às

entidades do gênero feminino, que povoam os terreiros com sua graça e candura.

Uma antiga história contada nos terreiros de Umbanda, fala de um escravo, cativo em uma fazenda de cana-de-açúcar no Nordeste, que desde que chegara ao Brasil, parecia ser predestinado à uma missão espiritual.

Missão esta, diziam, lhe ter sido outorgada por Oxalá. Apesar da dura vida no cativeiro, nunca se revoltou com o destino.

Grande conhecedor das ervas curativas e das mirongas de sua terra natal, pois fora um sacerdote iniciado no culto dos Orixás, tratava dos outros escravos, minimizando seus sofrimentos. A fama de seu trabalho de caridade chegou até a casa grande e passou também a assistir aos senhores brancos, sem nenhum traço de ressentimento.

Passou a ser chamado carinhosamente, por todos, de Pai Preto e passou a vida divulgando a prática da bondade incondicional.

Quando já estava velho, com quase 90 anos de idade, sua história chegou aos ouvidos de padres missionários, que, zelosos de sua catequese, decidiram ser Pai Preto um feiticeiro pagão que deveria morrer para servir de exemplo a quem ousasse interferir nos ensinamentos da Santa Igreja Católica.

Foi então dada a ordem para a sua execução. Porém até os senhores de engenho, que também muito lhe deviam por suas curas, resolveram burlar a ordem e esconder Pai Preto em local seguro, onde pudesse continuar a lhes prestar serviços. Mas a obstinação e a consciência de sua missão fizeram Pai Preto prosseguir, sem medo. Este continuava a trabalhar, em seu corpo espiritual.

Então as autoridades religiosas enviaram outra ordem: o “feiticeiro” devia ser desenterrado e sua cabeça separada do corpo e enterrada bem longe para que seus feitiços cessassem.

Desta vez, temerosos com as possíveis conseqüências da desobediência, seus anos resolveram matá-lo e fugir de complicações.

Assim, beirando os noventa anos, este ancião deixa o plano físico e começa uma nova missão no plano astral. Através dos médiuns que lhes servem de veículo, continua o trabalho de caridade e ajuda nos terreiros de Umbanda.

Afirmam outros que o verdadeiro nome de Pai Preto era Jeremias e que hoje é saudado como Pai Jeremias do Cruzeiro.

Na Umbanda os Pretos velhos são homenageados no dia 13 de maio, data que foi assinada a Lei Áurea, a abolição da escravatura no Brasil.

A sexta, eu dei aos fúteis que vão de Centro em Centro, não acreditando em nada, buscam aconchegos e conchavos e seus olhos revelam um interesse diferente.

A sétima, filho notas como foi grande e como deslizou pesada? Foi a última lágrima, aquela que vive nos olhos de todos os Orixás. Fiz doação dessa aos Médiuns vaidosos, que só aparecem no Centro em dia de festa e faltam as doutrinas. Esquecem que existem tantos irmãos precisando de amparo material e espiritual.

Assim, filho meu, foi para esses todos, que viste cair, uma a uma.

ADOREI AS ALMAS!!! SALVE OS PRETOS VELHOS DE UMBANDA!!!



AS LINHAS DE UMBANDA – DO ESOTERISMO AO OMOLOKÔ

PARTE V

A UMBANDA OMOLOKÔ

3.1) Conceito breve de Omolokô

OMOLOKÔ — Do Iorubá, Omo (filho) + Loko (Iroko, ou gameleira branca). Outra hipótese para a criação desse termo seria “filhos de Okô” (divindade protectora da agricultura).

Culto religioso iniciado no Rio de Janeiro a partir do final do século XIX, contando com a contribuição de escravos procedentes do sul de Angola. Uma de suas vertentes cultua Orixás e trabalha com Guias e linhas de trabalho da Umbanda, dentro da prática denominada Umbanda Omolokô. Outro segmento define-se apenas como Omolokô, mais adstrito à tradição africanista.

3.2) Umbanda Omolokô – Breve Resumo

Trata-se da prática do ritual dos negros escravizados, que subiram os morros e interiorizaram-se pelo antigo Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro, levado por grupos de negros com suas famílias ao término da escravidão. Esta prática foi muito perseguida pela polícia nas décadas de 40 e 50, até que fosse criada uma Federação para organizar e registar os terreiros.

Hoje encontra-se praticamente extinto o CULTO OMOLOKÔ, bem como seus rituais de adoração aos Bacuros (Orixás), praticados na primeira metade do século passado. O antigo ritual tinha sua própria identidade, não se assemelhando em quase nada, com a Umbanda praticada nos dias de hoje.

Em alguns casos, observa-se uma mistura com o candomblé ou kardedismo, sendo que no primeiro caso, é chamada vulgarmente de "Umbandoblé".

O "fenômeno do sincretismo" foi um processo gerado pela repressão que se abatia sobre o negro e sua cultura no Brasil. Esse processo caracterizava-se pelo facto de, ao tentarem superar a repressão religiosa aos cultos de origem africana e a opressão da sociedade, eminentemente católica, os diversos cultos negros foram introduzindo imagens de santos presentes nas igrejas, transmitindo uma nova aparência para os repressores, a que o culto ali professado era para os santos católicos.

Por trás desta cortina de fumaça, o negro manteve o culto a seus deuses e antepassados, inclusive dinamizando suas actividades no Brasil.

No Omolokô ou Umbanda Primitiva do Rio de Janeiro, o culto dos ancestrais é feito aos pretos velhos e caboclos. Juana Elbein dos Santos, assim afirma sobre os ritos de caboclo: *"Não se veneram as divindades dos panteões indígenas brasileiros, mas os espíritos individuais ou colectivos de diversas tribos, em particular, daqueles em cuja terra foram restabelecidos os negros. Trata-se, na realidade, de um culto aos antepassados autóctones, à maneira africana banta, e em muito deles, sucessivamente ou em dias alternados, são cultuados só pretos velhos espíritos dos antigos escravos, primeiros ancestrais negros em terra brasileira, que se somaram aos espíritos aborígenes a quem reconhecem direitos prioritários"*.

Nas regiões onde dominava a influência indígena, como Norte e Nordeste, surgiu o Candomblé de caboclo, que integrou elementos de origem banta, além de receber alguma influência católica.

Como vimos no ponto anterior, OMOLOKÔ é uma palavra composta que deriva de duas outras, oriunda da língua yorubá com três versões distintas, segundo sua interpretação:

I.No primeiro ramo de análise, que é a versão da Senhora Léa Maria Fonseca da Costa, mãe-de-santo de omolokô, quer dizer: "Omo" que significa filho, "Loko" referindo-se à árvore Iroko e tem o sentido de algo como "Filho da Gameleira Branca".

II.No segundo ramo de análise, que é a versão do senhor Tancredo da Silva Pinto, Tatá Ti Inkice (pai-de-santo de Angola), em seu livro Culto Omolokô – Filhos de Terreiro – Omolokô significa "Omo" filho e "Okô" fazenda, zona rural onde esse culto, por causa da repressão policial que havia naquela época, os ritos eram realizados na mata ou em lugares de difícil acesso dentro das fazendas dos donos de escravos.

III.Por fim, pode-se ainda relacionar o significado da palavra Omolokô também ao Orixá Okô, o Orixá da Agricultura, que era adorado nas noites de lua nova pelas mulheres agricultoras de inhamé. Antigamente, o Orixá Okô era muito cultuado no Rio de Janeiro. Talvez, por isso mesmo, hoje temos as denominações de "terreiro e roça" para os lugares onde os cultos Afro-brasileiros são realizados. Nesse culto os Orixás possuem nomes yorubá (nagô), seus assentamentos parecem-se com os do candomblé.

Independentemente das versões, é sabido que o nome "Omolokô" define um culto originário do Rio de Janeiro com praticas rituais e de culto aos Orixás e que aceita cultos, aos caboclos, aos Pretos-velhos e demais falangeiros de Orixás da Umbanda.

O culto Omolokô é apontados por estudiosos e praticantes como um dos principais influenciadores da formação da Umbanda africanizada ao lado do candomblé de caboclo, do cabula e do próprio candomblé. Teria surgido, segundo Tancredo da Silva Pinto, entre o povo africano Luanda-Quiôco. É chamado, erroneamente, de Umbanda Omolokô, pois difere-se por ter características singulares aos seus preceitos como matanças, vestimentas, etc.

O Omolokô possui ritualísticas próprias, portanto não se pode caracterizar qualquer Umbanda africanizada como tal. Seu representante mais expressivo é o Tatá Tancredo da Silva Pinto, já falecido, estafeta dos correios, morador do morro de São Carlos, que foi um grande estudioso e escritor do livro Culto Omolokô: Os filhos do terreiro.

Porém figuras em tamanha importância, relatam do Omolokô, tais como a escrava Maria Batayo e a filha de escravos Léa Maria Fonseca da Costa que preservaram o Omolokô dissociado da Umbanda como aborda Tancredo da Silva Pinto.

A diáspora dos Orixás cultuados no Omolokô é a mesma utilizada pelo candomblé e sua organização dogmática o faz diferir também por isso da Umbanda que os cultos em números menor e de forma maioritariamente sincrética.

A continuar...

Trabalho realizado no âmbito da
Escola de Curimba Caboclo Tupinambá

CURIMBA

PARTE I

Curimba é o nome que damos para o grupo responsável pelos toques e cantos sagrados dentro de um terreiro de Umbanda. São eles que percute os atabaques (instrumentos sagrados de percussão), assim como conhecem cantos para as muitas “partes” de todo o ritual umbandista. Esses pontos cantados, junto dos toques de atabaque, são de suma importância no decorrer da gira e por isso devem ser bem fundamentados, esclarecidos e entendidos por todos nós.

Muitas são as funções que os pontos cantados têm. Primeiramente uma função ritualística, onde os pontos “marcam” todas as partes do ritual da casa. Assim temos pontos para a defumação, abertura das giras, bater cabeça, etc.

Temos também a função de ajudar na concentração dos médiums. Os toques assim como os cantos envolvem a mente do médium, não a deixando desviar – se do propósito do trabalho espiritual. Além disso, a batida do atabaque induz o cérebro a emitir ondas cerebrais diferentes do padrão comum, facilitando o transe mediúnicos. Esse processo também é muito utilizado nas culturas xamânicas do mundo afora.

Entrando na parte espiritual, os cantos, quando vibrados de coração, atuam diretamente nos chacras superiores, notavelmente o cardíaco, laríngeo e frontal, ativando – os naturalmente e melhorando a sintonia com a espiritualidade superior, assim como, os toques dos atabaques atuam nos chacras inferiores, criando condições ideais para a prática da mediunidade de incorporação.

As ondas energéticas – sonoras emitidas pela curimba, vão tomando todo o centro de Umbanda e vão dissolvendo formas – pensamento negativas, energias pesadas agregadas nas auras das pessoas, diluindo miasmas, larvas astrais, limpando e criando toda uma atmosfera psíquica com condições ideais para a realização das práticas espirituais. A curimba transforma – se em um



verdadeiro “pólo” irradiador de energia dentro do terreiro, potencializando ainda mais as vibrações dos Orixás.

Os pontos transformam – se em “orações cantadas”, ou melhor, verdadeiras determinações de magia, com um altíssimo poder de realização, pois é um fundamento sagrado e divino. Poderíamos chamar tudo isso de “magia do som” dentro da Umbanda.

A Curimba também é de suma importância para a manutenção da ordem nos trabalhos espirituais, com os seus pontos de “chamada” das linhas, “subida”, “firmeza”, “saudação”, etc. Entendam bem, os guias não são chamados pelos atabaques como muitos dizem. Todos já encontram – se no espaço físico - espiritual do terreiro antes mesmo do começo dos trabalhos. Portanto a curimba não funciona como um “telefone”, mas sim como uma sustentadora da manifestação dos guias. O que realmente invoca os guias e os Orixás são os nossos pensamentos e sentimentos positivos vibrados em vossas direções. Muitas vezes ao cantar expressamos esse sentimentos, mas é o amor aos Orixás a verdadeira invocação de Umbanda.

A continuar...

Trabalho realizado no âmbito da
Escola de Curimba Caboclo Tupinambá

ÈSÚ (EXÚ) – O ORIXÁ

Muito se escreve sobre Exú. Contudo, não raras vezes se lêem artigos e se ouvem conversas sobre Exú, que na verdade só confundem em vez de esclarecer. Isto porque, se confunde ainda hoje, ÈSÚ Orixá com Exú Entidade-Guia, que trabalha no terreiro pela caridade, pela ajuda a quem necessita, tal como fazem todas as outras Entidades-Guias que ali descem.

O trabalho que se apresenta, é apenas sobre ÈSÚ O ORIXÁ. Contudo, ÈSÚ e Exú, são um só, único e indivisível, porque assim foi criado por Olodumaré. A pesquisa, foi efectuada com base no livro “Os Nagô e a Morte” – Juana Elbein dos Santos

ÈSÚ é o elemento constitutivo, dinâmico, é o princípio da existência de tudo, desde os seres sobrenaturais, a tudo o que na realidade existe.

ÈSÚ, tal como Olórun, a Entidade Suprema, a proto matéria (proto- primeiro ou anterior-matéria-tudo que é tangível) do Universo, são um princípio e portanto, ÈSÚ, não pode ser isolado ou inserido em nenhuma categoria.

ÈSÚ, é o princípio; tal como o é, o axé que Ele, não só representa como transporta e portanto, está em tudo, participa de tudo. Como princípio dinâmico, de movimento e de expansão que é, sem Ele, todos os elementos e tudo o que existe, ficaria imóvel, a vida não se desenvolveria. De acordo com as palavras de IFÁ, “ Cada um, tem seu próprio ÈSÚ e Olórun em seu corpo.” Ou ainda, “ Cada ser humano, tem seu ÈSÚ individual, cada cidade, cada casa (ou linhagem), cada entidade, cada coisa e cada ser tem seu próprio ÈSÚ” até porque “ se alguém não tivesse seu ÈSÚ, não poderia existir, não saberia que estava vivo, porque é compulsório (obrigatório) que cada um tenha seu próprio ÈSÚ individual”.

Olórun representa o princípio da existência Genérica, de tudo, ÈSÚ representa o princípio da existência diferenciada, de cada uma das coisas vivas em particular, pois Ele é o elemento dinâmico, é Ele que propulsiona, desenvolve, mobiliza, faz crescer, transforma e comunica.

“ Em virtude da maneira como ÈSÚ foi criado por Olódumarè, Ele deve resolver tudo o que possa aparecer e isso faz parte do seu trabalho e suas obrigações. Cada pessoa tem seu próprio ÈSÚ; ÈSÚ deve desempenhar o seu papel, de tal modo que ajude a pessoa para que ela adquira um bom nome e o poder de desenvolver-se” (recitado pelo Babaláwo Ifátoogum de Ilobu).

“Olódumarè, fez ÈSÚ, como se fosse um medicamento de poder sobrenatural, próprio para cada pessoa. Isso quer dizer que cada pessoa tem à mão seu próprio remédio de poder sobrenatural podendo utilizá-lo para tudo o que desejar” (...) (Joana Elbeim e Descoredes M. Santos). Mas, tal como os medicamentos, há que saber como e quando usar. Não sabendo interpretar as regras da bula e respeitar, quer a dose, o efeito e as consequências, um medicamento pode matar.

Os Orixás e Éboras têm também, um ÈSÚ particular, é Ele que executa as suas funções de acordo com a sua maneira particular e os seus deveres. Todos Eles conseguem ver seu ÈSÚ particular, só os seres humanos não. Um Orixá e seu ÈSÚ representam um só. Na verdade, em qualquer cerimónia ou ritual, ÈSÚ é sempre servido primeiro que o próprio Orixá que o acompanha.

(Continua...)

COMBONO OU CAMBONIAR

A Umbanda acolhe sem escolher quem chega e nunca na verdade diz adeus, é uma religião, como creio que muitas na minha opinião, que apenas quer ver a mudança, a força da transformação, o primeiro passo para que sejamos capazes de ver o mundo por uma outra perspectiva, a da autoconfiança da força de ser capaz.

Mas passado algum tempo de frequentar uma casa, do contacto com as entidades, com a realidade da ajuda que é dada por uma corrente mediúnica, quem frequenta a casa, mesmo não estando na corrente, deve ter essa naturalidade de ser um exemplo, com seus atos, do que vêm sendo ensinado.

Na verdade, a nossa mudança não se faz na corrente, começa já no local com o nome assistência (local próprio para assistir aos trabalhos, destinado também a aprender). Quando se dá a passagem da assistência para a corrente, normalmente a primeira função é ser cambono, obreiro ou trabalhador.

Se pesquisarem vão ver que cambono é de grande importância para uma corrente, para os trabalhos da casa.

Ser cambono é uma altura da caminhada onde uma grande percentagem de médiuns dizem que aprenderam mais, que foi um privilégio poder estar em contacto com as entidades, que é um dos elos de principal ajuda à Líder da Casa, entre outras definições.

Mas porquê? Mas porque é que é importante ser cambono e camboniar. Existe para mim uma distinção grande entre estas duas palavras, apesar de poderem ser entendidas como apenas uma só, para mim não o são. São duas definições do momento que se está na caminhada, mas atenção, a minha visão deste assunto é apenas minha, da minha experiência, caminhada e acima de tudo, do momento em que vivo a religião e a fé.

CAMBONO, é o nome da tarefa desempenhada por alguém que está disponível para o decorrer dos trabalhos e que por não incorporar, deve fazer a ligação entre a realidade da entidade e momento em que se vive.



É servir sem ser servido.

CAMBONIAR, é a atitude que vai ter que se aprender e desenvolver para o resto da caminhada, é estar disponível, querer aprender, estar atento, ter a consciência que se pode desaprender o que se aprendeu, alterando assim (completando) o que antes era uma verdade, é querer ser uma ferramenta à disposição de quem tem de conduzir todos os instrumentos, é estar disponível para ouvir, não só as suas entidades mas ouvir todas as entidades por igual, é ser aluno de todas as aprendizagens que virão de vários lados e origens, é servir, ouvir e aprender as lições que nos dão.

É disponibilidade, atenção, servir a Umbanda.

Como já deu para entender, neste momento do meu caminho estou a dar muito valor a palavra camboniar, valorizando-a muito. Ela começa quando, eu sei que vou para gira, por isso devo levar o que eu sei que vou precisar, e no mínimo devemos levar; um bloco, uma caneta e uma caixa de fósforos. Com este ato eu estou a dizer que eu valorizo o que vêm fazer, que em caso de ser necessário anotar uma indicação, acender uma vela, um fumo, eu estou disponível para ajudar.

Mas esta disposição, a de camboniar, não é apenas durante a função de cambono, mas uma grande lição que fica para a caminhada... como assim? Camboniar começa por ser uma tarefa, uma função e essa aprendizagem que nada tem a ver com a incorporação, vai acompanhá-lo durante as restantes etapas da sua caminhada.

Os médiuns, que são chamados a trabalhar na incorporação, não deixaram de camboniar, apenas deixaram de ser cambonos, sua função é outra mas continua a camboniar, agora principalmente as suas entidades, devendo tratar das necessidade delas, estando disponível para elas, na verdade passam a camboniar as suas entidades. Mas amanhã o médium pode ser chamado por um Orixá e ter que passar por um outro desafio na sua caminhada, novamente ele passa a camboniar, não só as entidades que o acolheram, mas agora também os Orixás que o protegem. E assim durante a caminhada, seja qual for a função ou o nível de evolução em que se encontra na caminhada dentro da religião.

Camboniar é a primeira lição que aprendemos, aprendemos a servir, a ser humildes e disponíveis, a amar o próximo.

UM ESPÍRITA NO UMBRAL

Um homem de 55 anos, espírita, sofreu um acidente e morreu de repente. Ele se viu saindo do corpo e chegando a um lugar escuro, feio, tétrico, com energias muito negativas.

Assim que começou a caminhar por aquele vale sombrio, viu três espíritos vestidos com capa preta caminhando em sua direção. Assim que chegaram, o homem perguntou:

– Que lugar é esse?

– Aqui é o que vocês espíritas chamam de umbral – disse um dos espíritos. O homem ficou chocado com aquela informação. Mal podia acreditar que estava no umbral. Considerou que talvez estivesse ali para participar de alguma atividade socorrista aos espíritos sofredores. O espírito negativo, que lia seus pensamentos, respondeu que não. Ele estava ali porque o umbral era a zona cósmica que mais guardava sintonia com suas energias.

– Mas isso é impossível!!! – disse o espírita em desespero.

– Não posso estar no Umbral. Deve haver algum erro... Em primeiro lugar eu sou espírita, faço parte dessa religião maravilhosa que é considerada o consolador prometido por Jesus. Realizo também projetos sociais de doação de sopa aos pobres. Ministro o passe magnético duas vezes por semana a uma multidão de pessoas lá no centro. Também ajudo financeiramente instituições de caridade muito necessitadas, além de dar



palestras no centro para os iniciantes no Espiritismo. Definitivamente há algo errado...

Não há nenhum erro – disse o espírito das sombras – Em seu atual estágio de evolução, você tem que ficar aqui mesmo. É verdade que você é espírita e faz parte desta doutrina consoladora, mas intimamente você julgava pessoas de outras religiões inferiores por não serem espíritas. Sim, você realizava projetos sociais dando sopa aos pobres, mas em seus pensamentos sentia-se o máximo praticando a caridade e julgava que os pobres não eram tão evoluídos por estarem amargando a pobreza, quando na verdade muitos deles eram mais puros que você. Sim, você ministrava o passe, mas considerava que seu passe era mais “poderoso” e mais curador do que o passe de outros passistas. Sim, você ajudava financeiramente instituições de caridade, mas dentro de ti sempre dava o dinheiro esperando receber algo em troca e sentindo-se alguém muito “caridoso”. E finalmente... Sim, você dava palestras aos iniciantes na doutrina, mas acreditava ter mais conhecimento que eles e se colocava numa posição de destaque e vaidade intelectual. Tudo isso suscitando uma das maiores chagas da humanidade, o “orgulho” e a “vaidade”.

O homem ficou impressionado com as revelações daquele espírito. De fato, revendo suas atitudes e sua perspectiva, intimamente havia quase sempre um sentimento de superioridade, de orgulho em relação aos outros, diante de tudo o que foi feito.

O espírita então olhou para dentro de si e começou a se arrepender de tudo aquilo, reconhecendo seu erro e sentindo-se mais humilde. Nesse momento, ele sentiu uma luz brilhando dentro dele e começou a se elevar. Ao perceber que estava se elevando e deixando o umbral, avistou outros espíritos ainda presos à condição umbralina e novamente lhe veio um orgulho e uma sensação de superioridade em relação aos mesmos. Após sentir isso, caiu novamente no umbral, e a queda dessa vez foi ainda mais dolorosa. Um dos espíritos trevosos disse:

– Você caiu novamente porque, no momento em que se elevava, começou a sentir uma certa superioridade em relação aos espíritos

que aqui estavam, suscitando mais uma vez uma condição de orgulho. Além disso, “A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido.” (Lucas 12:48).

O homem ficou muito triste com tudo aquilo. Entrou dentro de si mesmo e com toda a sinceridade pensou: Sim, é isso mesmo. Eu fui uma pessoa arrogante por ser espírita e por tudo o que eu fazia. Esse orgulho neutralizou todo o mérito de minhas ações. Mas tudo bem, eu mereço estar aqui no umbral. Vou ficar por aqui mesmo, quem sabe eu aprendo alguma coisa. Não me importo mais comigo e entrego minha vida a Deus... Como disse Jesus, “Que seja feita a vontade de Deus e não a minha”.

O homem caiu no chão e apenas se entregou a Deus com fé. Nesse momento, não tinha mais nenhum sentimento de autoimportância. Fechou os olhos e deixou tudo fluir...

Nesse momento, seu corpo começou a se tornar um corpo de luz e, sem nem perceber, começou a se elevar novamente. Assim que chegou a uma zona mais elevada, abriu os olhos e, para sua surpresa, havia se libertado do umbral. Dessa vez, nem percebeu que estava se elevando e se libertando. Um dos espíritos trevosos estava esperando por ele nesse plano mais elevado. Tirou a capa preta e uma luz maravilhosa começou a brilhar. O espírita percebeu que esse espírito não era negativo, mas um espírito de luz que o estava ajudando desde o início. O espírito disse:

– Tua renúncia de ti mesmo no último momento te salvou do umbral. Que tudo isso sirva de lição para você, meu filho. Toda essa experiência que você passou serve para os membros de qualquer religião. E não se esqueça jamais do que disse Jesus:

“Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.” (Mateus 6:3)

Retirado da Internet escrito por Hugo Lapa